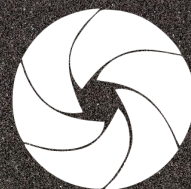


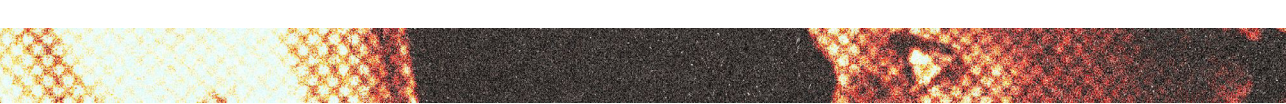
APRESENTAÇÃO

CINEMA E FILOSOFIA **O CINEMA COMO PRODUÇÃO DE SENTIDO E COMO REFLEXÃO SOBRE O SUJEITO E A SOCIEDADE**

No contexto das múltiplas reflexões acerca da imagem na sociedade contemporânea, um tema paulatinamente assumiu papel fundamental no que se refere à conexão entre sujeito e sociedade: a produção de sentido no cinema. Se o contemporâneo é tanto herdeiro da historicidade do papel que a imagem possui na sociedade como responsável por uma série de novas questões e nuances, é preciso também pontuar o fato de que o advento do cinema representou um capítulo especial na relação dos seres humanos com a imagem e, nessa perspectiva, fez emergir análises filosóficas específicas sobre esse meio. Questionamentos quanto ao modo como uma imagem cinematográfica possa engendrar o pensamento ou como um mundo projetado na tela aprofunda nossa alienação face à realidade e aos outros sujeitos, evidenciaram como os filmes podem ser fontes profícuas do fazer filosófico. E, nesse contexto, nos fizeram perceber todo o potencial que a imagem fílmica tem enquanto meio de vivência e reflexão sobre questões de gênero, sobre nossa relação com o tempo e com a nossa existência, com o desejo e a experiência erótica, dentre outras problemáticas. Os textos que compõem o nosso Dossiê *Cinema e Filosofia* são um mosaico que ilustra toda essa gama de possibilidades reflexivas e imersivas, evidenciando também a essencialidade da imagem cinematográfica e dos debates em torno dela para o campo teórico contemporâneo.

DOMÍNIOS DA IMAGEM
DOSSIÊ TEMÁTICO:
CINEMA E FILOSOFIA






Em *Lampejos direcionados, imagens intensificadas: fotofilmes e a persistência do tempo*, Lwidge de Oliveira propõe uma intrigante leitura filosófica do fotofilme como dispositivo de tensionamento do estatuto da imagem em movimento. Investiga-se o modo como o gesto de animar uma imagem fixa produz algo da ordem de um tempo único, singular, que afeta, reverbera e se engrandece na percepção do espectador. A análise entra em diálogo com reflexões de teóricos como Rancière, Deleuze e Didi-Huberman, se esforçando para reivindicar a potência, no fotograma, desse lampejo que insiste em existir entre aquilo que já foi vivido e o que ainda é presente. O fotofilme é então situado como uma forma que, por meio da reeducação do olhar, reinsere o tempo no espaço do visível, criando uma experiência de suspensão que reconfigura tanto a memória quanto o próprio ato de ver. Entre presenças e ausências, o que Lwidge de Oliveira acaba delineando é uma espécie de ontologia do entremeio: uma forma cinematográfica do pensar que se dá no ato de dar vida ao que permanece imóvel, e que, ao fazê-lo, revela o cinema como arte da persistência, i.e., daquilo que resiste à passagem do tempo, e insiste em reluzir.

No artigo *Rumo ao cristal: a Estrada Perdida de David Lynch como via para pensar o cinema de Gilles Deleuze*, Gabriel Gnann Belloni Vieira propõe uma análise filosófica do filme “Estrada Perdida” (1997), de David Lynch, utilizando a teoria cinematográfica formulada por Gilles Deleuze, com ênfase particular no conceito de imagem-cristal, discutido na obra “Cinema 2 - A Imagem-Tempo”. A investigação parte da ideia de que a obra de Lynch, especialmente a partir desse filme, desafia os padrões narrativos tradicionais que se baseiam na imagem-movimento e se estabelece dentro do regime da imagem-tempo, que é caracterizado por experiências ópticas e sonoras puras, *raccords* enganosos e formas não lineares de temporalidade. O texto investiga como “Estrada Perdida” serve como um espaço privilegiado para a expressão da indiscernibilidade entre o atual e o virtual, o real e o imaginário, bem como o presente e o passado, utilizando estratégias formais como espelhos, montagens distorcidas e a dissolução da identidade dos personagens. O autor busca evidenciar que a imagem-cristal cria uma nova conexão entre espectador, tempo e pensamento, transformando “Estrada Perdida” em uma representação audiovisual do tempo puro, que desafia as fronteiras entre ficção, memória e percepção.

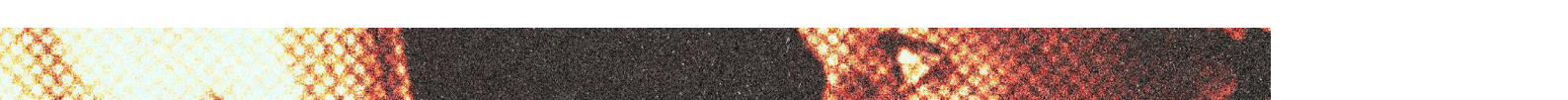
Luan Alves dos Santos Ribeiro, em *Temporalidade e tédio em O Cavalo de Turim, de Béla Tarr: uma abordagem ontológica*, conduz uma leitura rigorosa e sensível do já icônico longa-metragem de Tarr, guiado pelo entendimento do tédio como categoria filosófica (estética, sobretudo) capaz de revelar o funcionamento ontológico do tempo cinematográfico. A partir de uma abordagem fenomenológica que traz as ideias de Heidegger ao encontro de reflexões acerca da imagem, interpreta-se



o filme como uma experiência limiar, em que a temporalidade se converte em matéria visível, em textura. O tédio, que aqui fica longe de representar meramente o vazio ou a inércia, surge como elemento quase rítmico, como compasso da existência, uma temporalidade que expõe o esgotamento do mundo e, ao mesmo tempo, a permanência do ser em meio a isso. Ao analisar o modo como Tarr faz do comum e do ordinário, territórios de repetição e de espera, Ribeiro mostra como o cinema tem a capacidade ímpar de pensar a finitude humana não enquanto uma paralisante ausência de sentido, mas como vívida abertura para a passagem ao sensível. A cada plano repetido, a cada gesto reiterado, o filme parece aproximar-se daquilo que Heidegger talvez chamasse de “tempo originário”, leia-se, um tempo que não se mede, mas que se sente, se atravessa. Nesse emaranhado de estética e ontologia mobilizado por Ribeiro, o artigo revela “O Cavalo de Turim” (2011) como uma complexa meditação visual sobre a temporalização, sobre o próprio existir, e sobre o deixar de ser.

No artigo de Pedro Faissol e Brenda Valois, *Erotismo, Sacralidade e Transgressão no Cinema de Jean-Claude Brisseau*, o cinema brisseauniano é abordado como um campo de tensão entre o sagrado e o profano, em que o erotismo assume uma função mediadora e reveladora. A partir de uma análise minuciosa de “O Som e a Fúria” (1988), situa-se a experiência do sagrado no interior de uma mesma realidade compartilhada com o mundo ordinário, questionando a necessidade de cisão entre o espiritual e o material. Inspirado pela filosofia de Georges Bataille – em especial por seus conceitos de continuidade e transgressão, o texto mostra como o gesto erótico, em Brisseau, não se reduz à sexualidade (em sentido restrito), mas constitui um poderoso ato de conhecimento e passagem: uma tentativa de romper as fronteiras que isolam o humano de sua própria animalidade, bem como de sua potência mística. A Aparição que visita o jovem Bruno, uma figura simultaneamente natural e sobrenatural, torna-se a grande metáfora do cinema de Brisseau: é imagem que toca e fere, que faz do excesso uma forma de esclarecimento. Combinando misticismo, brutalidade e desejo, Faissol e Valois leem a transgressão como um modo de transcendência imanente, em que o sagrado deixa de ser um domínio apartado e se torna um movimento interno da imagem, talvez mesmo intrínseco a ela – é justamente o movimento que, no poderoso ato de filmar, faz o real tremer.

Em *Tipos em tela: revisitando a ontologia do cinema de Stanley Cavell com Ryan Gosling*, Igor Nascimento busca reconsiderar a relevância da teoria dos “tipos” nas análises contemporâneas de cinema e de sua filosofia. Nesse contexto, o autor dialoga com as teorias de Bazin e Cavell. Mostrando que a abordagem cavelliana de “ontologia” possui uma influência heideggeriana, ou seja, não representa uma metafísica essencialista, mas sim uma compreensão histórica e social dos fenômenos estudados, Igor Nascimento procura defender que a teoria dos tipos




e o reconhecimento dos tipos predominantes em nossa cultura podem servir como uma ferramenta para interpretação cultural. O artigo realiza esse debate se debruçando sobre o trabalho do ator Ryan Gosling, investigando como este foi moldado como um tipo e de que maneira isso influenciou culturalmente a recepção de seus filmes. Nessa perspectiva, o autor do artigo tem como objetivo sugerir que essas ferramentas de ontologia do cinema podem contribuir não apenas para a filosofia da arte, mas também para as análises sociais e culturais.

Limbo e a evidência do filme: Jean-Luc Nancy e o cinema para além da representação, de Andrea Cachel e Pedro Monte Kling, debruça-se sobre o filme “Limbo” (2021), do diretor Soi Cheang, expoente do cinema contemporâneo de Hong Kong, visando através dele compreender os pontos fundamentais da discussão de Jean-Luc Nancy acerca da imagem cinematográfica. Tomando como base textos como *¿Évidence du Film: Abbas Kiarostami e Icône de l’acharnement*, além de *Trouble Every Day de Claire Denis*, o artigo procura investigar em que medida o cinema pode se constituir como uma possibilidade de construção de uma imagem como força e como algo capaz de evidenciar um real que se imprime na película. Por meio da obra de Soi Cheang, na sua interface com a visão do filósofo francês acerca do cinema, o texto visa discutir, nessa perspectiva, a abertura de sentido e a ruptura entre os limites entre as formas ocidental e oriental de pensar a imagem como potencial da cinematografia contemporânea.

Carolaine Susane da Silva, em *Tornar-se mulher: uma análise da personagem Bella Baxter de Pobres Criaturas a partir do pensamento de Simone de Beauvoir*, analisa como a personagem Bella Baxter expõe temas ligados à ontologia do corpo feminino, tal como discutido pela filósofa Simone de Beauvoir. O artigo pretende mostrar em que medida o filme “Pobres Criaturas” (2023) aborda e desafia a problemática da construção cultural do corpo da mulher, construção essa que limita sua autonomia e consolida a mulher na categoria de Outro. A autora do texto procura discutir como a trajetória de Bella, bem como sua relação com os demais personagens, simboliza a passagem da imanência à transcendência, expressando a crítica de Beauvoir às estruturas patriarcais e a busca feminina por reconhecimento e autonomia.

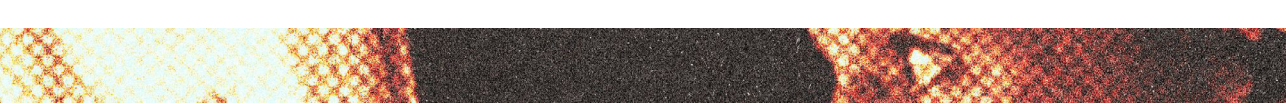
Leonardo Araújo Oliveira, em *As paixões de André: desdobramentos filosóficos dos duplos de Lavoura Arcaica*, faz uma análise da adaptação fílmica da obra homônima de Raduan Nassar, utilizando como arcabouço teórico as filosofias de Kant, Hegel, Kierkegaard e Nietzsche, principalmente, mostrando o tema do duplo no longa-metragem “Lavoura Arcaica” (2001, de Luiz Fernando Carvalho), tais como narrador e personagem, palavra e silêncio, texto e imagem, em uma trama que apresenta um personagem em busca de sua identidade. O artigo retrata uma



família rural e suas relações de poder baseadas na tradição e nos valores religiosos mantidos pela figura do pai e seu papel na manutenção da estrutura patriarcal familiar. O autor do artigo destaca ainda a personagem do filho, André, sua crise de identidade, o desejo proibido por sua irmã, Ana, sua fuga e seu retorno em busca de uma autonomia e uma liberdade que romperia com a estrutura familiar e social a qual pertence, e da qual André não consegue abandonar por completo.

Em *O doméstico reinventado: uma análise do filme Rua de Mão Dupla de Cao Guimarães*, Laura Cristina Souza da Silva investiga “Rua de Mão Dupla” (2002), projeto de Cao Guimarães, na chave de uma espécie de poética do habitar. A autora sugere que o filme opera uma reconfiguração do lar, da casa enquanto território simbólico e afetivo, tensionando fronteiras entre intimidade e alteridade, entre o privado e o público. Ao atentar para o engenhoso dispositivo que Guimarães arquiteta, em que duplas de participantes trocam de casa e registram o espaço alheio, o texto evidencia como o filmar torna-se, em última instância, um constante exercício de escuta e de cuidado, um modo de habitar o mundo através do olhar-registro mais atento. Dialogando com Gaston Bachelard e Juhani Pallasmaa, o espaço doméstico é compreendido no texto não como refúgio isolado, mas como espaço permeável, de atravessamentos, em constante troca com o exterior. Trata-se de um esforço de desacelerar o olhar, de devolver às imagens o espaço e o tempo da presença que a contemporaneidade talvez lhes tenha roubado – uma ética-estética da proximidade (um “cinema de cozinha”, como define o próprio Cao Guimarães), em que a experiência fílmica se confunde orgulhosamente com o exercício de partilhar no mundo.

Douglas Gasparin Arruda, em *Kierkegaard: relações entre o conceito de ironia negativa e o filme Quanto vale ou é por quilo? (Sérgio Bianchi, 2005)* traz uma análise do filme a partir da interpretação de Søren Kierkegaard da noção de ironia socrática como “ironia negativa”. Esta, como nos diz o autor do artigo, não possui juízo de valor, ela, na verdade, como vemos pelos textos platônicos sobre Sócrates, despertava e provocava seus interlocutores, fazendo parte de uma vida humanamente autêntica, como entende Kierkegaard, pois não podemos viver de tal maneira sem ironia. Douglas Arruda ainda evoca a pensadora Linda Hutcheon ao analisar o papel do intérprete quanto à compreensão da ironia, já que crenças e conhecimentos compartilhados são importantes para que a ironia inclua àquele a quem é direcionada. O autor do artigo lança tais bases conceituais na sua interpretação da obra de Bianchi, destacando passagens da obra fílmica em que notadamente percebemos a ironia do diretor, como no tom de voz do narrador da trama, Milton Gonçalves, e fazendo um paralelo dessa ironia em outra obra do cineasta, o filme “Mato Eles?”, que, já em seu título, guarda a ironia que transparece as críticas feitas por Bianchi à sociedade que retrata. No filme “Quanto



vale ou é por quilo?” Arruda considera que a ironia de Bianchi, distinta da socrática, não propõe uma saída positiva para as situações retratadas e por isso ela é uma ironia negativa, como observamos no paralelo que o cineasta faz entre as ações do terceiro setor e o sequestro, ambos encarados como *business*, demonstrando uma forte crítica a toda sociedade e sua lógica mercadológica.

#eagoraoque: cinema, capitalismo e subjetividades, fruto da tese sobre cinema contemporâneo brasileiro de Helena Lukianski, trata da subjetivação do ideário neoliberal a partir das análises de Pierre Dardot e Christian Laval, pensando o atual cenário social brasileiro, discutindo também questões como a autoexploração neoliberal via Byung-Chul Han e a “ontologia empresarial” analisada por Mark Fisher. A autora explora especialmente a ideia de partilha do sensível do filósofo Jacques Rancière, destacando a forma em mosaico da narrativa do documentário “*#eagoraoque*” (2025), para entender as relações intersubjetivas dentro do contexto de individualismo e exploração da sociedade atual, pensando a estética e a narrativa que procuram expressar a complexidade de uma lógica econômica que se estende para a vida intersubjetiva na qual a distinção entre opressores e oprimidos não é nada simples.

Andrea Cachel

Christiani Margareth De Menezes E Silva

Pedro Monte Kling

Organizadores do Dossiê